

Caçadores e observadores

Por Renan Ji¹

O espetáculo *Foxfinder*, montagem com direção de Wallyson Mota, nos apresenta a alegoria das raposas como forma de entender a ascensão do fascismo e dos discursos de ódio na cultura contemporânea. Com texto da inglesa Dawn King, a peça narra como um Estado de vigilância e controle cria artifícios para ludibriar a população. A alegação de que há raposas extremamente perigosas em territórios no interior da Inglaterra obriga fazendeiros a cooperar com a visita de supostos caçadores desses animais, submetendo sua produção e cotidiano ao escrutínio das autoridades.

A peça de King é transposta à cena seguindo quase sempre a estrutura narrativa condensada e fechada do drama tradicional, em que os acontecimentos se sucedem de modo a alcançar o clímax da narrativa, com um epílogo que arremata a mensagem alegórica da história. A construção do personagem é a base do processo dramático: na trajetória do casal Samuel (Ernani Sanchez) e Judy (Carolina Fabri), que perdera recentemente um filho, acompanhamos como o primeiro sublima o luto aderindo ao discurso fascista de caça às raposas, ao passo que a esposa busca salvar seu casamento, reproduzindo, mesmo que a contragosto, essa mesma narrativa. O caçador de raposas, interpretado por Eduardo Mossri, equilibra o robótico e o patético para dar forma à crise do caçador a serviço do Estado. A vizinha do casal (Carol Vidotti) fica a cargo de ser o agente subversivo que denuncia a conspiração governamental.

Algumas operações da montagem brasileira do texto inglês buscaram romper a tessitura do drama alegórico na direção da plateia do Teatro Municipal de São

¹ Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É professor adjunto de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atua como crítico de teatro desde 2011, participando de festivais nacionais e internacionais em São Paulo (MITSp), Wrocław (Theatre Olympics, Polônia) e Wuzhen (Wuzhen Theatre Festival, China). É membro da Questão de Crítica, revista eletrônica de críticas e estudos teatrais.

José dos Campos. A personagem da vizinha, Sarah, distribui bilhetes pela plateia com a mensagem aludida na história: “as raposas não são o inimigo”. A montagem dirigida por Wallyson Mota ainda acrescenta mais um ingrediente – eles riscam a palavra “inimigo” no bilhete que nos é entregue, e corrigem para “jornalista”.

Além desse expediente, as projeções digitalizadas ao fundo do palco procuram desenhar texturas e movimentos que acompanham os processos psicológicos de cada personagem. No mesmo sentido, o espetáculo se inicia com um breve monólogo de Judy / Carolina Fabri, aludindo a um sonho que desenha para o/a espectador/a uma situação de prisão e imobilidade.

Com exceção desse último recurso, creio que as estratégias da encenação para buscar uma maior conexão às plateias brasileiras parecem não ter conseguido furar suficientemente a estrutura alegórica estrangeira. Um elemento bastante simples indicia esse fato: quando escutamos personagens pronunciando seus nomes próprios em prosódia inglesa, sem nenhuma adaptação linguística – Sam/Samuel, Judy, William –, sendo eles moradores de zonas rurais da Inglaterra, a sensação é de assistir a um filme dublado. A alegoria está ali, as relações com o contexto nacional se realizam no plano mais geral, porém a cena é um microcosmo fechado, similar a um filme estrangeiro com dublagem. Assim que adentramos o Teatro Municipal, somos recebidos por uma música rock em alto volume, com guitarras e letras em inglês, o que reforça ainda mais o descompasso: a música pinta um cenário distópico de cultura pop, sobreposto ao bucolismo isolado do ambiente da peça, sendo ambos signos que, a meu ver, mais afastam do que aproximam a peça de Dawn King à realidade brasileira.

Entretanto, há aspectos que se destacam dessa percepção geral: as opções dramatúrgicas que conformam a evolução da personagem Judy. Quando Carolina Fabri/Judy, numa espécie de prólogo da peça, inicia a história relatando seu sonho, a interpelação ao público reverbera aspectos da própria personagem – a perda do filho, a devoção ao marido, a consciência política sufocada pelas normas. Mas vejo também nessa operação a produção de sentidos outros, para além da identificação genérica com a mensagem alegórica das raposas.

Efeito similar identifico no epílogo. Com a luz circundando apenas o rosto do casal Samuel e Judy, entrevejo na fala desses personagens um direcionamento oblíquo, porém pungente, da peça em direção a nós. Numa primeira percepção, testemunhamos o nascimento dos discursos de ódio e o extremismo político de

Samuel; porém as falas deste apenas pintam para nós o “inimigo”, a alteridade que o fascista representa, o que confirma a mensagem alegórica mais imediata. Porém, vemos nas réplicas de Judy um movimento interessante, que remete ao sonho do prólogo: ao reproduzir de forma indulgente a visão protofascista do marido, acuada diante das circunstâncias, a condição dessa personagem mostra de forma ambígua como é ser um observador passivo e perplexo diante da ascensão dos discursos totalitários.

Acredito que Judy difere do marido e dos outros personagens – estes se apresentam tipificados pela alegoria: o marido fascista, a vizinha militante, o soldado em crise. A vizinha Sarah reflete nossas militâncias e posicionamentos políticos; testemunhamos prazerosamente a queda do caçador William; e olhamos com asco o fascismo nascente de Samuel. Esses três modelos se adequam em grande medida à atmosfera distópica e às expectativas da alegoria de Dawn King. Em meio a essa alegoria “dublada” em português, sinto que boa parte das reflexões replicam diagnósticos genéricos que nos apaziguam, e nos colocam junto dos “bons”, com a consciência limpa dos cosmopolitas democratas.

Em oposição a esses tipos que se adequam de forma muito automática ao drama alegórico, a composição dramatúrgica relativa à personagem de Carolina Fabri me atravessou de modo a criar uma ligação entre três vértices: o contexto social do brasileiro que sou, o texto de Dawn King e a montagem brasileira dirigida por Wallyson Mota. Afinal, muitos de nós não assistimos, em alguma medida, à ascensão das extremas direitas no mundo, um pouco consternados e acuados como Judy? Flagrada principalmente no prólogo e no epílogo da peça, a presença cênica de Judy realiza uma das poucas interpelações do espetáculo que não confirma nossas expectativas, e que nos tira da nossa zona de conforto ideológica.

Olhando para nós, Judy se apresenta como um lugar complexo no cenário político-ideológico da peça. Acredito ser Judy quem devemos resgatar e reter da cena alegorizante de *Foxfinder*. O voto feminino, dizem os analistas eleitorais, será decisivo nas eleições de outubro desse ano de 2022. Judy é a alegoria que desponta do drama estrangeiro e se instala como um ponto cego em meio ao nosso momento político.